

“Entre filosofia e literatura”: uma viagem urgente¹

Maria Luísa Malato Borralho²

Resumo: Aquilo a que chamamos muitas vezes “crise das humanidades” pede, a nosso ver, uma renovada reflexão sobre a unidade do pensamento. Para essa reflexão se vêm formando muitos projectos baseados na “intertextualidade”, “interdiscursividade” ou “interidentidade” das disciplinas académicas. É nesse sentido que analisamos os aspectos paradigmáticos de *Entre Filosofia e Literatura*, que, em Setembro de 2011, foi editado pelo projecto “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, da Universidade do Porto. Com efeito, as características dos textos nele reunidos consubstanciam novas e necessárias atitudes da Filosofia e da Ciência face à Literatura, marginalizada, a partir do século XVIII, pelo conceito das “Belas Letras” e pela proclamada ideia da inutilidade da Beleza. Até porque hoje, no seu limite, tais conceitos conduziram à ideia de inutilidade da Filosofia e, em parte até, da inutilidade da Ciência. Essas novas atitudes não exigem somente uma diferença dos conteúdos, mas também uma diferença estilística, das formas que armazenam os conteúdos. Para o desenvolvimento de um diálogo entre a Filosofia, a Ciência e a Literatura, exige-se um estilo fluido, uma releitura de textos há muito abandonados, uma preocupação com o que nos une maior do que a que temos com o que nos separa, uma valorização dos vários efeitos do tempo e do acaso, uma atenção ao carácter vital/orgânico da cultura: uma disponibilidade constante para o diálogo, condição primeira de todo o pensamento dialéctico.

Palavras Chave: Filosofia – Literatura – Interdiscursividade – Diálogo – Cultura – Humanidades.

Abstract: What we often call "crisis of the humanities" is demanding, in our view, a renewed reflection on the unity of thought. To achieve this reflection many projects have been lately formed based on the "intertextuality", "interdiscursivity" and "interidentity" between academic disciplines. In this sense, we analyze the paradigmatic aspects of *Entre Filosofia e Literatura/ Between Philosophy and Literature*, which, in September 2011, was edited by the project “Raízes e Horizontes da Filosofia e Cultura em Portugal”/ “Roots and Horizons of Philosophy and Culture in Portugal” (University of Porto). Indeed, the characteristics of the texts included in the volume surely constitute new and necessary attitudes of Philosophy, Science and Literature, since Literature was marginalized by the eighteenth century’s concept of “Fine Arts” and the romantic idea of Beauty’s futility: today, in the limit, those concepts led to the idea of Philosophy’s uselessness, and even Science’s. These new attitudes will not only require a difference of contents, but also a stylistic difference: new forms to store new contents. To develop a dialogue between Philosophy, Science and Literature, we need a fluid style, a rereading of those texts longtime abandoned, a real concern for what unites us, larger than what separates us, a deep appreciation of time, chance and their effects, an attention to the vital nature / organic culture: a constant readiness for dialogue, the first condition of all dialectical thought.

Keywords: Philosophy - Literature - interdiscursivity - Dialogue - Culture - Humanities.

Acabou de ser lançado em Outubro, na Universidade do Porto, um curioso volume, organizado por Maria Celeste Natário e Renato Epifânio, intitulado *Entre Filosofia e Literatura. Ciclo de Conferências*. Neste conjunto de textos de reflexão sobre o que une a Filosofia à Literatura, organizado pelo Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, há uma curiosa conjugação da forma com o conteúdo. Talvez essa conjugação comece pela sua aparente unidade. Sendo o resultado de um conjunto aleatório de quinze textos (os que foram apresentados na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, durante o Ciclo de conferências do primeiro semestre de 2011, entre Janeiro e Julho), o volume pode no entanto ler-se em sequência, como se constituísse um livro de autor e aglomerasse, sob uma mesma vontade, um conjunto de comentários sobre o estatuto filosófico-literário. O prefácio dos organizadores, Celeste Natário e Renato Epifânio, procura

¹Este estudo foi elaborado no âmbito do Projecto "Interidentidades" do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, integrada no Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), do Quadro Comunitário de Apoio III (POCI 2010-SFA-18-500).

² Professora Doutora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto mmalato@gmail.com.

abraçar os vários conferencistas na certeza das palavras de Teixeira de Pascoaes, que “A palavra Filosofia é muito ampla, desde que a libertemos dos filósofos de profissão”, e a hospitalidade de dizer “cabemos todos lá dentro, sábios e poetas” (NATÁRIO, EPIFÂNIO, 2011: 9). Pressupõe-se também nesse abraço a existência de públicos mais amplos, que não exclusivamente os consumidores das “actas” dos seminários de Filosofia, tão distintos, na prática académica, das “actas” dos encontros de Literatura. Mas o que queremos valorizar aqui é o carácter paradigmático deste livro: porque nos parece estar nele implícita uma persistente proposta de reflexão sobre a “crise das humanidades”, tantas vezes sublinhada nos meios académicos.

Recordemo-lo somente. A “amplitude” de conceitos como o de “Filosofia”, ou de “Literatura” remete hoje, de muitas maneiras, para aquele que, tendo sido iniciado no século XVIII, foi construído ao longo do século XIX, quando se autonomizaram e opuseram a Literatura e a Ciência. O lexema “Filosofia”, historicamente mais antigo que o de “Literatura”, remetia inicialmente para toda a reflexão sobre a realidade e o seu conhecimento, incluindo por isso todo o conhecimento hoje dito “científico”. Só depois do século XVIII a Filosofia se separou da Ciência, ainda que, enquanto epistemologia, continuasse a exercer o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das várias ciências (cf. v.g., LALANDE, 2010, *passim*). O lexema “Literatura”, achando-se já referido por Quintiliano, só a partir da época da imprensa se define como “saber relativo à escrita”, em letra, *littera*). A sua “amplitude” é razoavelmente alterada quando, depois do século XVIII, substituiu denominações como “Poesia”, “Verso”, “Eloquência”, passando a aglomerar as obras em prosa, para as quais tinha evoluído o romance, e centrando-se a partir de então nas obras impressas e imbuídas de um carácter ficcional, não-verdadeiro (v.g., AGUIAR E SILVA, 2002: 3 ss.). Ficou a Literatura com a preocupação da forma e a Filosofia com a do conteúdo, ainda que na antecâmara da Ciência.

Nos seus extremos, saturada a especialização, achou-se a verdade “literária” limitada à verdade da forma, e a uma certa inutilidade prática (espiritual, moral, social) do Belo: “De facto, pode-se sempre lembrar que a poesia, de qualquer modo, não serve para nada; que ela se subtrai à lógica da utilidade; que não tem qualquer efeito mensurável quando considerada pelo critério mortífero de um valor económico cada vez mais imperial”. Quando muito, “prevaleceu a ilusão romântica segundo a qual a poesia era, não útil para algo específico, mas útil em absoluto, útil para algo absoluto, algo que supera o entendimento: o próprio absoluto (Deus, o Infinito, a Ideia)” (PINSON, 2011: 11 e 17). Pelo contrário, a verdade “científica” procurou associar-se da verdade dos conteúdos, ficando responsável pelo insucesso daquilo a que nos habituáramos a chamar progresso da civilização (a física, a técnica, a económica). No limite, o feitiço virou-se contra o feiticeiro.

É certo que a brevidade com que formulamos esta evolução, não pode escamotear a ambiguidade de algumas correntes ou conceitos. Talvez a valorização de termos como “intertextualidade”, “interdiscursividade”, “interidentidade”, “interculturalidade” (até porque não são consensuais nas suas definições) tenha servido para reintroduzir um conjunto de informações e possibilidades de leitura que, entretanto, tinham sido desencorajadas pelas teorias filosóficas e literárias. Mas parece-nos insofismável que, para o desenvolvimento de um diálogo entre a Filosofia, a Ciência e a Literatura, se exigem atitudes que sejam, simultaneamente, de ruptura com a modernidade de textos mais próximos e de conservação de textos há muito abandonados. Na verdade, quer a ruptura, quer a conservação serão aparentes: porque o que se visa é destruir definições consabidas, linhas de fronteira e limite: os muros mais próximos são apenas os maiores obstáculos da redefinição da amplitude dos conceitos. Pede-se agora um estilo fluido, uma releitura de textos há muito abandonados, uma preocupação com o que nos une maior do que a que temos com o

que nos separa, uma abertura aos vários efeitos do tempo e do acaso, uma atenção ao carácter vital/orgânico da cultura, e uma disponibilidade constante para o diálogo, condição primeira de todo o pensamento dialéctico. E as seis atitudes que vimos nos textos de *Entre Filosofia e Literatura*, só muito tardiamente e por acaso se cruzaram com as seis propostas de Ítalo Calvino para o novo milénio...

Há no livro algo de fluido.

“Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso da gravidade, penso que, à semelhança de Perseu, me devia evadir para um outro espaço. Não se trata de fugir para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso de mudar de perspectiva, que preciso de observar o mundo sob um outro ponto de vista, uma outra lógica, outras formas de conhecimento e controle” (CALVINO, 2001: I, 25-6³). O que há de admirável nestas palavras de Ítalo Calvino é a afirmação de uma fluência que pode ser mais facilmente construída a partir de perspectivas novas que a partir de pontos de vista repetidos e consabidos. Assim, de alguma maneira parece ser o diálogo entre a Filosofia e a Literatura. No volume *Entre Filosofia e Literatura*, existe uma inesperada coerência interna que parece distinta da cronologia do Ciclo de Conferências e se apresenta como uma cronologia monográfica. O texto de Fernanda Henriques (“A relação entre Filosofia e Literatura”, à luz de dois filósofos do século XX: Paul Ricoeur e Marta Nussbaum) e o de Manuel Lázaro Pulido (“La Filosofia Antigua, La Filosofia como Decir”) lançam as bases teóricas introdutórias, centradas respectivamente em dois autores da Contemporaneidade e nos autores da Antiguidade clássica, unidos pelas questões que há muito opõem a verdade do “logos”/ do “dizer bem”, à verdade do “mythos”/ do “bem dizer”, e a Filosofia à Literatura.

Os onze textos seguintes constituem então um natural desenvolvimento, já que parecem estabelecer uma brevíssima história filosófico-literária e estabelecer três momentos nucleares das “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”. A Antiguidade greco-latina (num primeiro momento), exemplificada por duas leituras metafóricas da obra *Sobre a Natureza* de Parménides (de Helena Castro e de Gonçalo Figueiredo). A modernidade na Literatura brasileira, galega e espanhola (num segundo momento), citada desde logo por um curioso texto de Luís Soto, “A Filosofia, espelho da Poesia” (que através da obra *Eume*, de César A. Molina, parece reatualizar as leituras metafóricas do texto de Parménides); por uma reflexão sobre a vitalidade da filosofia neoplatónica de Proclo, nomeadamente quando instrumento de leitura da obra de Clarice Lispector (“Mística e Literatura”, da autoria de Cícero Cunha Bezerra); pela correspondência entre as estruturas narrativas, o “Cântico dos Cânticos” e a sua presença n’“A Erótica Unitiva em São João da Cruz” (de Josilene Carvalho Bezerra), ou ainda pela inusitada afirmação da noção de transcendência na poesia de Hilda Hilst (de Constança Marcondes César). Num terceiro momento, parecem concentrar-se os artigos que se debruçam sobre o pensamento filosófico-literário na cultura portuguesa da contemporaneidade: as relações entre “Poesia e Filosofia na Renascença Portuguesa: em torno de Leonardo, Pascoaes e outros” (de Manuel Cândido Pimentel); a exal-

³ Por termos redigido este artigo fora do espaço lusófono, apresentamos uma tradução nossa de uma recente edição francesa do livro de Ítalo Calvino (2001), *Leçons américaines. Aide-Mémoire pour le Millénaire*, Paris, Seuil : “Chaque fois que le règne de l’humain me paraît condamné à la pesanteur, je me dis qu’à l’instar de Persée je devrais m’envoler dans un autre espace. Il ne s’agit nullement de fuite dans le rêve ou l’irrationnel. Je veux dire qu’il me faut changer d’approche, qu’il me faut considérer le monde avec une autre optique, une autre logique, d’autres moyens de connaissance et de contrôle ». Com vantagens se pode usar a edição original italiana, ou as traduções já existentes em português: *Lezioni americane: Sei proposte per il prossimo millennio*, Milano, Garzanti, 1988; *Seis Propostas para o Próximo Milénio: Lições Americanas*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990; *Seis Propostas para o Próximo Milénio*, Lisboa, Teorema, 1999.

tação, por A. Cândido Franco, dos “Dois trilhos em Teixeira de Pascoaes”, o físico e o metafísico, condensados na exclamação “Ó poetas, cúmplices de Deus no crime da Criação!”, d’*O Bailado*; seguem-se algumas reflexões incisivas sobre o estatuto do “não poeta”, trocado “Entre Pascoaes e Pessoa” (de Renato Epifânio), a exposição de alguns aspectos da matriz filosófica existencial de “Vergílio Ferreira” (por M. Celeste Natário), e perplexidades ainda mais incisivas sobre o estatuto da literatura na obra de Gonçalo M. Tavares (por Pedro Baptista). Os dois últimos artigos – um estudo sobre a construção da objectividade metodológica n’*A Teoria da Crítica Literária e da ‘Crítica Estética’ em Jorge de Sena*” (por Manuela Brito Martins) e um último, “Look Thou Character” (de Sofia de Melo Araújo), sobre o conceito de “Liberdade ética em três personagens de ficção” de Iris Murdoch/ em contraponto com a filosofia de Sartre – parecem-nos depois conclusões abertas operativas, que invertem o percurso da Filosofia para a Literatura, construindo a ponte agora da Literatura para a Filosofia.

Há no livro coisas antiquíssimas.

“Podemos distinguir dois modos ou sentidos da imaginação: um parte da palavra para chegar à imagem visual, a outra parte da imagem visual para chegar à expressão verbal” (CALVINO, 2001: IV, 136⁴). Entende-se aqui a “imaginação” como um processo de compreensão da realidade, através da conjugação de imagens semelhantes ou distintas. Ora o que se revê aqui, em *Entre Filosofia e Literatura*, é, no dizer de Fernanda Henriques, “uma velha história com traços de conflitualidade e de ambiguidade” (2011: 12). E por isso é salutar o cruzamento de textos paradigmáticos, dir-se-ia até textos fundadores do pensamento filosófico-literário, que ora nos conduzem da palavra a uma imagem visual, ora nos levam das imagens visuais para as palavras. São aqui importantes aqueles textos que constroem a sua dimensão abstracta a partir de imagens visuais ou sensitivas, porque de alguma maneira procuram fugir aos elementos teóricos que perderam para nós uma lógica-empírica, a que é verificada pelos sentidos ou pela experiência. Tal é o caso da obra de Parménides, com a qual dialogaria a ulterior passagem da *República* de Platão (onde se narra o mito da caverna), outro exemplo de texto fundador.

O que realçamos mais neste livro, quando falamos da antiguidade dos seus problemas, é precisamente o muito que há a fazer depois de tantas leituras especializadas. É salutar sentirmos aqui a falta de algumas leituras ou perspectivas que fomos fazendo em campos de investigação separados, como se não *coubéssemos todos cá dentro*. Devido unicamente à nossa formação na Literatura e na Retórica, sentimos a falta aqui das referências que são mais habituais no pensamento literário: *A Morfologia do Conto* e o incluso levantamento das funções de Vladimir Propp, ou os textos de Greimas sobre as estruturas actanciais. Os estudos sobre Retórica, que por vezes se confundem, na perspectiva do Filósofo, com os da Poética, sem que na verdade seja muito útil tal fusão. Ou os estudos sobre a morfologia de já velhos géneros mistos, criados entre a Filosofia e a Literatura, como o ensaio, o diálogo, a crónica, e mais do que todos estes, o relato utópico.

No artigo de Cícero Cunha Bezerra, refere-se o carácter mistagógico da filosofia de Platão (iniciação ao oculto), baseado na autoridade de Marino, biógrafo de Proclo (2011: 65 ss.): mas não será esta função iniciática da filosofia comparável à que é por vezes verificada na Literatura e está simbolizada pela escada ou pirâmide dos autores em alguns emblemas de academias do século XVII e XVIII? Lembramo-nos especificamente de textos de Rodrigues Lobo, de algumas conferências da

⁴ «Nous pouvons distinguer deux modes ou trajets de l’imagination: l’un part de la parole pour aboutir à l’image visuelle, l’autre part de l’image visuelle pour aboutir à l’expression verbale».

Academia dos Singulares, de obras religiosas ou de tratados de alquimia, onde são tão importantes e comuns os rituais e as viagens de peregrinos.

Renato Epifânio revê o comentário de Pascoaes sobre Pessoa, segundo ele “um não-poeta”, procurando ab contrario entender o estatuto do “poeta” como o que vive a poesia. Cremos que, a este propósito, seria curioso considerar a questão fora do seu contexto polêmico, e comparar as críticas de Pascoaes a Pessoa com as considerações sobre a despersonalização heteronímica de Sophia de Mello Breyner, que via nela uma “excumunhão da vida” (Andresen, 1989). Ou ainda com as de D. António Ferreira Gomes (Pinho, 1990: III, 328) que a considerava uma “divinização ontoteológica”...

Na verdade, o livro *Entre Filosofia e Literatura* dispara incipientemente muitas questões que merecerão certamente ser noutros volumes mais desenvolvidas. Cândido Franco discute os rótulos fáceis da atitude religiosa, e revisita o pensamento de José Marinho e a Teoria do Ser e da Verdade, vendo em Pascoaes a representação de um “ateoteísmo” ou “ateísmo divino” que destrói a oposição entre teísmo e ateísmo. Pedro Batista, usando o caso exemplar dos romances escatológicos e fragmentários de Gonçalo M. Tavares, deixa-nos uma catadupa de perplexidades sobre as caóticas funções poético-filosóficas da linguagem. Muitas perguntas sem resposta. Mas sentir a falta de algumas considerações é o primeiro passo para começar, ou recomeçar a considerá-las. Sinal certo de que há muito a fazer, a pensar.

Há no livro uma origem radical.

“Assim sou eu inclinado a falar o menos possível; e, se prefiro escrever, é porque a escrita me permite corrigir cada frase tantas vezes quantas as que me permitem atingir, se não a inteira satisfação dos meus propósitos, pelo menos a eliminação dos motivos de insatisfação de que possa ter consciência. A Literatura – aquela, quero eu dizer, que responde a tais exigências – é a Terra Prometida em que a linguagem se torna no que ela verdadeiramente devia ser” (CALVINO, 2001: III, 98-99⁵). A Literatura seria assim um exercício da linguagem exacta, por várias razões: não somente porque a dimensão do texto escrito permite a sua correcção, mas também porque a correcção que nela se visa é compatível com as mais importantes características da linguagem: a sua capacidade evocativa, e a dimensão opaca dos seus sentidos. Há também no livro *Entre Filosofia e Literatura* uma idêntica reflexão sobre a origem radical dessa linguagem da Terra Prometida, exacta e dinâmica. Radical, no sentido etimológico da palavra, próprio da raiz, ponto de união de ramos diversos. Vários artigos do livro realçam a recuperação da poesia pela filosofia, nos discípulos de Sócrates, o filósofo que teria rasgado as suas obras literárias. Com efeito, Platão, ao escrever, nega Sócrates, da mesma forma que Aristóteles, ao defender a Retórica e a Poética, parece negar Platão e, através dele, Sócrates. Também Proclo não é Aristóteles, pois pratica um tipo de texto essencialmente metafórico, que hoje seria claramente “literário”. Mas não são estas progressivas rupturas uma forma de irmos esquecendo também uma comum origem da Poesia, da Filosofia, da Ciência ou da Religião? O impulso do espanto, da exclamação, ou do êxtase que, na sua especificidade, são formas de “sair de si”, e não de “cair em si”...

A Filo-sofia partilha com a Filo-logia um “radical” e comum amor ao conhecimento e às formas mais subtis que lhe dão forma: as palavras. O artigo de

⁵ «Aussi suis-je enclin à parler le moins possible; et si je préfère écrire, c’est que l’écriture me permet de corriger chaque phrase autant de fois qu’il le faut pour parvenir, sinon à m’estimer satisfait de mes propos, du moins à éliminer les motifs d’insatisfaction dont je puis avoir conscience. La littérature – celle, veux-je dire, qui répond à de telles exigences – est la Terre Promise où le langage devient ce qu’il devrait être en vérité».

Josilene Carvalho Bezerra, sobre a poesia de S. João da Cruz, talvez seja o que mais realça esse movimento “para fora”, que nos leva a sentir a falta de algo que em nós temos ausente, isto é, uma certa forma de desejo do “outro” (2011: 90 ss.). A correspondência verificada no “Cântico dos Cânticos” ou na poesia de São João da Cruz entre o conhecimento da natureza física e o conhecimento da natureza divina são também os que verificam nos poemas de amor no Antigo Egipto (cf. SOUSA, 2001: *passim*). Mas é de valorizar, no caso da chamada “filosofia portuguesa”, esta fácil atracção entre a Filosofia e a Poesia. Como sublinha M. Cândido Pimentel: “A poesia portuguesa, no que tem de melhor para Leonardo Coimbra, está em ser uma poesia encantada com o milagre ontológico da existência” (2011: 119). E também a Filosofia, no que tem de melhor para Pascoaes, se torna consciência da energia amorosa que une os seres. “A faculdade que o homem tem de ser mentiroso, isto é, antipático, é o que o destaca dos outros seres; não é a Razão, como pretendem os filósofos bem-humorados: é a mentira” (PASCOAES, 1990: 23). A oposição convencional entre Filosofia e Literatura, dita entre razão e imaginação, perderia assim os seus campos convencionados.

Há, assim, no livro, um ritmo de viagem.

“O tema que nos interessa aqui não é a velocidade física, mas a relação entre velocidade física e velocidade mental” (Calvino, 2001: 75⁶). Esta rapidez que interessa Calvino é pois uma agilidade de viajante, daquele que quer chegar depressa, mas não demasiado depressa, para que não possa perder os desvios que mais interesse dão às viagens. Muitos caminhos se abrem entre a Filosofia e a Literatura, mas não têm ainda veredas, ou a erva cobriu há muito os caminhos. Vai-se delineando na memória do leitor uma Geografia da Aventura. O Prefácio fala das necessárias “pontes de diálogo” (2011: 9). Lázaro Pulido sugere “pensar en el camino”, pensar “en la ágora”, nesse espaço de confronto oral que é a praça pública. Sobretudo quando, como sublinha Lázaro Pulido, é tão importante na tradição ibérica a prática da oralidade e o suporte manuscrito (2011: 25 ss.), Os novos textos podem por isso encontrar-se guardados na gaveta, atados em miscelâneas, serem documentos negligenciado ou sem suporte durável. Penosa é por vezes a sua busca. Os povos ainda ciosos dessas tradições orais e manuscritas (tantas vezes uma forma de escapar à censura ou aos custos da imprensa) não podem pois reler a sua história descurando as especificidades do seu espaço cultural.

Com efeito, até agora, pensar a Filosofia, tal como pensar a Literatura, pressupôs quase sempre pensá-las enquanto documentos impressos, descurando a sua dimensão oral, manuscrita e formalmente provisória. Talvez seja urgente pensar “nas gavetas”, nas “miscelâneas”, “no jardim”, “nas trovas que o vento leva”, nas várias formas que inventámos, para escapar à agressividade crítica da “ágora”, do fórum, da praça pública: falta ainda reflectir sobre esta localização marginal da Academia de Platão, também ela um regresso do filósofo à caverna que era Atenas (MALATO, 2009: 7).

Devemos ser sensível ao tempo e ao seu tratamento quando queremos perceber um espaço. Tempo e espaço não se entendem autonomamente. E assim, há textos, espaços e culturas que dão mais relevo à velocidade das conclusões, crendo sempre na eficácia de procurar a distância mais curta entre dois pontos. Outros há certamente que precisam de dar mais atenção aos modos curvos e aos meios distorcidos: ao que não é dito, ao que não é escrito, ao que não é feito daquela mesma forma que tínhamos visto ser feito. Reflexões sobre o Reflexo, segundo as várias

⁶ «Le thème qui nous intéresse ici n'est pas la vitesse physique, mais le rapport entre vitesse physique et vitesse mentale».

leituras do rio EuMe, por Luis G. Soto (2011: 37 ss.), Especulação filosófica sobre a estratégia do espelho. A Filosofia é “la reflexion que se hace en lo que es”, segundo Lazaro Pulido (2011: 25). Paradoxos. Diálogos. Ironias socráticas ou sarcásticas. Metáforas. Frases que simulam e dissimulam, mas que, ainda assim, nos dão a percepção de um elemento móvel e dinâmico.

A Literatura, hábil em linguagens quotidianas (isto é, paradoxais, dialécticas, irónicas, sarcásticas ou metafóricas), tem um indelével pendor filosófico: pensa o mundo mimeticamente e usando abertamente estratégias poéticas e retóricas que estão muito perto da linguagem tão como é definida pelos filósofos. Falta paradoxalmente, em *Entre Filosofia e Literatura*, desenvolver-se a ainda a pertinência aristotélica entre História e Poesia, sendo para Aristóteles (ARISTÓTELES, *Poética*, 1451b), a Poesia, muito significativamente, uma forma “mais filosófica” (porque centrada na construção do verosímil) do que a História (centrada na construção da verdade). Mas não figura o estudo da Filosofia, nas universidades, invariavelmente ao lado do estudo da História?...

Não há muralhas mais defendidas do que aquelas que separam conceitos e ideias próximos. Quanto mais naturais são as torres de marfim e as muralhas dentro das quais vivemos, mais significativos se tornam os caminhos, as passagens, as pontes, os desvios entre as torres e entre as muralhas. E serão tanto mais significativos quanto mais disfarçados estejam.

Há no livro um projecto de multiplicidade

“Desde que a ciência se pôs a desconfiar das explicações gerais, como de outras que não fossem sectoriais e especializadas, a literatura deve assumir um grande desafio e ensinar a ligar os diferentes saberes, os diferentes códigos, para com eles elaborar uma visão do mundo plural e complexa” (CALVINO, 2001: 179⁷). Quando tudo o mais divide, é ainda mais importante pensar no que nos une. Ainda que conotativamente, emotivamente, pois de sentidos conotativos são feitos os sentidos das palavras em acção. Nada como um acaso significativo para nos fazer duvidar (ainda que quase supersticiosamente) de todas as construções voluntaristas da ordem. O autor da primeira epígrafe do livro *Entre Filosofia e Literatura* é o escritor Iris Murdoch: “Não chega conhecer uma verdade [...] porque por menos complexa que ela seja, é necessário ser artista para a exprimir sem a transformar numa mentira” (2011: 11). E é Iris Murdoch o tema do último artigo, nele se valorizando “a necessidade de imaginar outras pessoas, com centros de consciência tão reais quanto nós e distintos”, nunca se instituindo como cartilha ou autoridade (2011: 153 e 163). Também o pensamento de Martha Nussbaum e a dimensão clássica “da forma própria da escrita ética”, sublinhada no final do primeiro artigo, dialoga na memória com o último artigo, centrado agora na exemplificação dinâmica/ crítica da liberdade ética no romance dito “existencialista”.

Os textos de *Entre Filosofia e Literatura* dialogam facilmente entre si. Adivinham-se entre eles diferentes pontos de vista, ainda que esses desencontros mais sejam vistos como estímulo para que se continue a discutir. O próprio convite feito a especialistas de Literatura para colaborassem com o projecto “Raízes e Horizontes da Filosofia e Cultura em Portugal”, centrado num Departamento de Filosofia, é a formalização desse diálogo que exige que ambas as partes saiam dos seus textos, dos seus autores, das suas autoridades, isto é, daqueles elementos do “ethos”, ou da

⁷«Depuis que la science se défie des explications générales, comme des solutions autres que sectorielles et spécialisées, la littérature doit relever un grand défi et apprendre à nouer ensemble les divers savoirs, les divers codes, pour élaborer une vision du monde plurielle et complexe».

credibilidade, que (mais próximos estando dos elementos passionais, do “pathos”) são frequentemente apresentados como provas do discurso racional, do “logos”. A maior parte do que dizemos, efectivamente, deriva dos textos, dos autores e das autoridades com que costumamos dialogar. A tautologia, a perífrase, a sinonímia, a analogia, no discurso filosófico ou no discurso literário, são o nosso solo, aquele onde enterramos as nossas raízes e por onde estendemos a nossa ramagem: poucas vezes temos caule para deixarmos de ser plantas rasteiras. Mas todo o progresso do conhecimento, filosófico ou literário, provém do estranhamento, da confusão criada pela informação distinta. M. Cândido Pimentel fala desse “olhar inaugural” do poeta, que é também o do filósofo e, no mesmo sentido, o do cientista (2011: 119 ss.).

Há no livro algo de consistente

Talvez tenha sido por um acaso significativo que Ítalo Calvino não chegou a escrever senão breves notas sobre a consistência: a consistência daria à obra uma solidez corpórea compatível com o seu dinamismo. O texto mexeria por inteiro, como um todo orgânico, em que cada célula conteria a informação genética de todo o corpo. Há no livro *Entre Filosofia e Literatura* algo próprio de um peixe. Desde logo a acreditar na velha metáfora de Aristóteles que definia o texto como organismo vivo. Cícero Cunha Bezerra reencontra ainda essa metáfora em Proclo e em Werner Beierwaltes. O que, neste caso, não deixa de ser um acaso significativo num livro que se quis fluido e não se deixa agarrar. Como se a sugestão da forma, na Filosofia como na Literatura, se adequasse “naturalmente” ao conteúdo. A cabeça: o seu prefácio é a boca, breve, em uma só página. Logo alargada pelos dois outros artigos da introdução, de catorze e doze páginas. O cérebro/paradigma reflecte sobre Platão, referem-se dois olhos: Paul Ricoeur e Martha Nussbaum, mas o organismo respira pelas duas guelras: a Linguagem que busca a verdade, da Filosofia, e a Linguagem que busca a memória, a da Poesia. No Tronco, os artigos desenham uma extensão parabólica que se alarga, ainda que com alguma irregularidade (8, 12, 8, 25, 23 páginas...). As barbatanas peitorais são as duas análises do texto de Parménides sobre a noção de Natureza: são eles que conduzem à reflexão mais abrangente do livro, aquela que discorre sobre os níveis de leitura da metáfora, ainda nas obras de César A. Molina, Clarice Lispector, S. João da Cruz ou Hilda Hilst.

Os antepenúltimos textos, sobre a Filosofia e a Literatura Portuguesa são todos breves (6, 8, 2, 2, 4, 3), e quase todos mais expositivos que explicativos. Os penúltimos textos, de Renato Epifânio, Celeste Natário e Pedro Baptista, funcionam com os músculos da cauda: agitam conceitos quando aplicados a novas circunstâncias. E os dois últimos artigos, novamente de maior extensão (13, 14), voltam a estabilizar o corpo. À teorização mais abstracta das primeiras reflexões corresponde assim, no final do volume, uma aplicação dinâmica dessa teorização, de índole dubitativa, em que o texto literário sublinha a fragilidade das definições filosóficas e literárias, a reversibilidade da metodologia unívoca sobre as formas ou os conteúdos (em Jorge de Sena) e a duplicidade da leitura dos gestos das personagens de Murdoch, personagens que, afinal, representam, usam uma máscara (*persona*) e dramaticamente aparentam aquilo ou o contrário daquilo que os outros dizem que elas são.



Todo o caminho existe para ser feito. Há pelo menos muito mais a ser feito, até a consistência adquirir força. Talvez seja reveladora a fotografia da capa, da autoria de Ana Matilde: uma canoa, límpida como o traço de pincel de uma letra, paira sobre as águas quase paradas de um rio branco. Entre as margens da Filosofia e da Literatura, o rio separa e une. Das ondas que o barco deixou um dia sobre a água, talvez só reste agora a oscilação da água nas suas margens. A rota é uma linha imaginária que exige de nós a permanente revisitação das memorizadas definições, metodologias, funções, leituras. Talvez por isso mesmo é tão importante não ficar na margem. É navegar.

Referências bibliográficas

- AGUIAR E SILVA, V. M., **Teoria da Literatura**, 8.^a ed., Coimbra, Almedina, 2002
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, **Sophia de Mello Breyner**, Entrevista a António Guerreiro, *Expresso*, Lisboa, 15 de Julho, 1989
- ARISTÓTELES, **Poética**, ed. Eudoro de Sousa, Lisboa, IN-CM, 1986
- ARISTÓTELES, **Retórica**, ed. Manuel Alexandre Júnior, Lisboa, IN-CM, 2005
- CALVINO, Italo, **Leçons américaines. Aide-Mémoire pour le Millénaire**, trad. de l'italien par Y. Hersant, Paris, Seuil, 2001
- Disponível em <http://www.hottopos.com/notand19/malato.pdf>
- GREIMAS, A. J., **Sémantique Structurale. Recherche de Méthode**, nouvelle éd., Paris, PUF, 1986
- LALANDE, André, **Vocabulaire technique et critique de la Philosophie**, Paris, Presses Universitaires de France, 2010
- MALATO, Maria Luísa, **A Academia de Platão e a Matriz das Academias Modernas**, in “Notandum”, n.º 19, Porto/ S. Paulo, CEMOrOc/IJI, 2009, pp. 5-16.
- NATÁRIO, Maria Celeste; EPIFÂNIO, Renato (coord.), **Entre Filosofia e Literatura. Ciclo de Conferências**, Sintra: Zéfiro, 2011
- NUSSBAUM, Martha, **Love's Knowledge. Essays on Philosophy and Literature**, N. York-Oxford, Oxford University Press, 1991
- PARMÉNIDES DE ELEIA, **Sobre a Natureza**, ed. António Monteiro/ Miguel Real, Lisboa, Lisboa Editora, 1999
- PASCOAES, Teixeira de, **A Saudade e o Saudosismo (Dispersos e Opúsculos)**, ed. Pinharanda Gomes, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990
- PINHO, Arnaldo (org.), **D. António Ferreira Gomes: antologia do seu pensamento**, 3 vols., Porto, Fundação Eng.º António de Almeida, 1990
- PINSON, Jean-Claude, **Para que serve a Poesia hoje?**, trad. José Domingues de Almeida, Porto, Deriva, 2011
- PLATÃO, **República**, trad. M. H. Rocha Pereira, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1980

PROPP, Vladimir, **Morfologia do Conto**, Lisboa, Vega, 1983

RICOEUR, Paul, **La Métaphore Vive**, Paris, Seuil, 1975

SOUSA, Rogério Ferreira de, **Os Doces Versos: poemas de amor no Antigo Egípto**, Fafe, Editora Labirinto, 2001

Recebido para publicação em 08-11-11; aceito em 04-12-12